

A utilização dos pilares do jornalismo literário na construção de perfis jornalísticos¹

Daniilo CHRISTOFOLETTI²

Julio HILDEBRAND³

Fabiano ORMANEZE⁴

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

Resumo

O presente artigo tem a proposta de analisar a influência dos chamados sete pilares do Jornalismo Literário na construção de textos do gênero perfil. Para tanto, foram analisados dois perfis que integram o livro “Entretanto, foi assim que aconteceu”, de Christian Carvalho Cruz, que traz uma seleção de textos escritos pelo jornalista para o jornal O Estado de São Paulo. A partir dos textos selecionados é possível identificar os diferentes contextos que justificam a utilização de um ou mais dos pilares em detrimento dos demais e seus efeitos na composição dessas obras.

Palavras-chave: perfil; jornalismo; literário; comunicação.

Características do perfil

O perfil é um gênero jornalístico em que a história de vida de uma pessoa ou a própria personagem é o foco do conteúdo. Pode ser uma celebridade, um esportista, ou um anônimo: o importante é que esta história, por algum motivo, fuja do padrão. A reportagem pode explorar uma parte da vida do "perfilado", ou a vida inteira; pode focar em uma faceta do mesmo ou em várias. Na opinião de VILAS BOAS (2003), diferencia-se da biografia, pois:

Diferentemente das biografias em livro, em que autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. E é de natureza autoral. (VILLAS BOAS, 2003, p. 13)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: daniilo.fc@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: juliojoly@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: ormaneze@yahoo.com.br

Ormaneze (2013) ressalta ainda que “o passado será importante na medida em que ajude a compreender o presente, sem grandes delongas, para que não se perca a preocupação em retratar o hoje do perfilado”.

Um perfil pode utilizar-se de diferentes técnicas narrativas, como descrição, narração tanto em primeira quanto terceira pessoa, entre outros. No entanto não pode deixar de conter as técnicas de reportagem jornalística e os recursos literários. Se um perfil caminha sem contemplar essas duas facetas, corre-se o risco de gerar um resultado que tenda para a literatura ficcional ou para um texto jornalístico convencional, sem nenhum apelo narrativo. É obrigação do repórter aproximar-se ao máximo da realidade do perfilado, se envolver em seu universo.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. (VILLAS BOAS, 2003, p.14)

Além das estratégias narrativas, os perfis possuem algumas características próprias. São utilizadas como técnicas de escrita de perfis, principalmente, a polifonia e a jornada do herói. A polifonia consiste em possuir várias vozes, vários discursos presentes no texto. O repórter deve, além de entrevistar e acompanhar o perfilado, conhecer todos ao seu redor, construir seu texto escutando os relatos de amigos, parentes, desafetos e outras pessoas relacionados ao protagonista. Um exemplo de destaque dessa técnica é o perfil “Frank Sinatra está resfriado”, de Gay Talese, publicado em 1966, como explica Ormaneze (2013):

Talese, um dos expoentes do *New Journalism*, foi a Los Angeles para encontrar e entrevistar Sinatra, mas o astro da música, prestes a iniciar uma nova turnê, recusou-se a conceder a entrevista porque estava resfriado e enfurecido pela possibilidade de a situação atrapalhar seus shows. Em vez de retornar sem o texto, o jornalista ficou nos arredores de Sinatra, à espera de uma oportunidade para trocar palavras. Não conseguiu. O que restou – e deu resultado ao texto, que o próprio Sinatra considerava muito bom – foi seguir os passos do artista e conversar com pessoas que conviviam com ele e podiam dar muitas informações sobre seu temperamento e seu jeito de ser. (ORMANEZE, 2013, p. 4)

A outra técnica, intitulada a jornada do herói, consiste em etapas que o protagonista, no caso o herói do perfil, precisa passar para mostrar seu valor e provavelmente aquilo que o levou a ser cobiça de um perfil jornalístico. A pesquisadora Monica Martinez nomeou as seguintes fases do herói, começando pelo *cotidiano*, quando o protagonista é apresentado como uma pessoa comum. Depois vem o *chamado à aventura*, responsável por quebrar o cotidiano do personagem e em seguida a *recusa* a esse chamado. Então, iniciam-se os *testes*, que são vencidos pelo protagonista, levando a *internalização*, quando o protagonista realiza uma reflexão de sua jornada até então. Por fim, ocorrem a *recompensa* e o *retorno*, que é a volta ao cotidiano.⁵

Os perfis se relacionam com a notícia jornalística por meio dos valores-notícia ou critérios de noticiabilidade que são, segundo Wolf (2003, p. 195), “o conjunto de elementos por meio dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há de selecionar as notícias”. Dentre os vários valores-notícia, destacam-se os valores de notoriedade, relevância e interesse nacional. Justamente esses valores podem ser utilizados na concepção de um perfil com base em critérios de noticiabilidade jornalísticos. Uma celebridade ou político, alguém de relevância social, política ou midiática, se ajustam aos três valores citados, gerando perfis de interesse tanto jornalístico quanto textos de bom conteúdo literário.

Livro

O livro “Entretanto, foi assim que aconteceu” (2011) consiste em uma coletânea de perfis produzidos pelo jornalista Christian Carvalho Cruz que foram publicados no jornal O Estado de São Paulo. A obra traz em seus textos uma gama de diferentes tipos de personagens, desde celebridades até pessoas desconhecidas que representam estatísticas sobre determinado tema. Apresenta ainda aquele tipo de personagem que desperta a curiosidade e justifica a pauta por representar alguma característica singular, modo de vida fora do padrão ou hábito incomum.

A compilação de 23 reportagens, redigidas pelo autor enquanto repórter do caderno “Aliás” do jornal, tem como destaque a multiplicidade narrativa utilizada por Cruz. É perceptível o tratamento especial concedido a cada um dos textos no momento

⁵ MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias devida em jornalismo. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2002.

da produção, escolhendo o melhor recurso narrativo para transmitir da melhor maneira a história a ser contada.

Análise dos perfis e os sete pilares

Os dois perfis analisados foram “Cada virada é um flash”, sobre Geisy Arruda - que ganhou espaço na mídia nacional a partir de 2009, por ter ido à faculdade que cursava na época trajando um microvestido rosa - e “Uma senhora batuta”, que apresenta Gaetana di Ricco - personagem que o autor julga interessante por ser aficionada por música clássica e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Os sete pilares do jornalismo literário são: humanização, imersão, estilo, voz autoral, uso de símbolos e metáforas, digressão e precisão de dados. Cada obra pode abordar um número particular de pilares em suas construções, pois não há necessidade e, por vezes, nem há como o autor se prender a apenas um ou todos esses aspectos, simultaneamente, enquanto escreve um texto literário.

Os dois perfis analisados possuem alguns desses pilares em comum. O primeiro é bastante recorrente em se tratando de perfis. É a humanização. Considerada a principal característica dessa vertente jornalística, de acordo com Ormanze (2009, p. 45), “a humanização pressupõe o intuito de narrar as histórias a partir das experiências de vida, selecionando para isso personagens.” Dessa maneira, as personagens retratadas servem como centro de uma história e não apenas para ilustrar ou comentar um fato. Na reportagem sobre Geisy Arruda, um trecho que explica bem esse pilar é o de abertura do texto:

Desde que ela se meteu naquele vestidinho rosa fatal e fatídico para ir à faculdade, numa noite fresca de outubro de 2009, portanto só um ano atrás, a vida de Geisy Arruda vem vindo meio assim, sem ponto, ponto-e-vírgula ou parágrafo, como um tiro de espingarda cuja bala se mantém no ar, rápida e voraz, trajetória incerta, mas com o alvo bem definido, que é ganhar dinheiro, porque encher a poupança (a do banco) para comprar uma casa boa é só no que a Geisy consegue pensar hoje, “Nem de homem quero saber neste momento”, ela diz [...] (CRUZ, 2011, p. 177)

Esse trecho mostra que a personagem, estereotipada na mídia como a típica mulher fútil, desprovida de inteligência e raciocínio em longo prazo, também possui aflições e desejos cotidianos pertencentes à maioria da população, como acumular bens e guardar dinheiro na poupança, como forma de garantir segurança financeira para o

futuro, e previsões sobre relacionamentos. Já na reportagem “Uma senhora batuta”, o autor opta por uma narração em primeira pessoa, assumindo a condição da própria personagem perfilada. Ele fala e pensa como se ele próprio fosse a Gaetana, perfilada da reportagem. Assim, o texto é feito a partir das impressões do repórter sobre a personagem, mas é narrado pelo ponto de vista dela, como se percebe no seguinte trecho: “Suspeito que o jornalista tenha ficado assustado quando eu disse que ia guiando. Ele esperava um chauffeur, certamente. Mas sou boa motorista.” (CRUZ, 2011, p. 80). Essa escolha narrativa por si só, já assume o papel de humanizar a personagem, ao “mostrar” seus pensamentos a respeito do mundo ao seu redor.

Outro pilar utilizado por ambas as reportagens é o uso de símbolos e metáforas, recurso bastante própria da literatura. Em “Uma senhora batuta”, há o trecho em que o autor faz uma analogia entre formação acadêmica e gosto musical: “Resolvo questionar sobre a formação musical do jornalista. Martinho da Vila e Jorge Bem por parte de pai, Roberto Carlos e Beatles por parte de mãe. Meu Deus. Esse moço precisa de ajuda” (CRUZ, 2011, p. 81). A reportagem que utiliza várias metáforas é a de Geisy Arruda, como em: “[...] a vida de Geisy Arruda vem vindo meio assim, sem ponto, ponto e vírgula ou parágrafo, como um tiro de espingarda cuja bala se mantém no ar.” (CRUZ, 2011, p. 177) e “e, enquanto a bala da espingarda não cai, ou seja, enquanto Geisy Arruda continua causando, ela vai sorrindo, porque o dia em que – e se – a Cinderela voltar a ser abóbora, ela quer ‘estar estabilizada’[...]” (Idem, p. 182).

O terceiro pilar é o estilo. O estilo é quando o jornalista diferencia seu texto utilizando recursos narrativos que fogem ao padrão jornalístico (lead, sub-lead, pirâmide invertida) tradicional. Podem-se utilizar estratégias como suspense, descrição, jornada do herói, entre outras. Ormanze (2009, p. 49) afirma: “Como na ficção, não há uma regra sobre como narrar. O importante é ajustar o texto para causar impacto e prender a atenção do leitor.” Os dois textos possuem estilo próprio, marcando o traço do autor. No perfil de Gaetana, a narração em primeira pessoa, assumindo o papel da personagem, demarca um estilo próprio tanto do autor pessoa quanto exemplifica o estilo da mulher perfilada, suas convicções, ideias e gostos. No perfil de Geisy Arruda, a linguagem vulgarizada, repleta de gírias e maneirismos próprios do vocabulário da perfilada, também mostram um estilo semelhante do autor, ao adotar um “jeito” da personagem retratada, mesclando informação jornalística com uma dupla personalidade, jornalista-Geisy Arruda.

Um pilar constatado com maior força em apenas um dos perfis é a imersão na realidade. Nada mais é do que o envolvimento completo do repórter na realidade que pretende retratar em sua reportagem. Nesse caso, faz-se necessário a presença física do repórter, cortando a possibilidade de entrevistas por telefone ou email. A própria pesquisa necessita ser muito mais presencial do que apenas por leitura. Em “Uma senhora batuta”, o jornalista-autor se aprofundou tanto na vida e na personalidade da personagem protagonista, no caso Gaetana, que foi capaz de escrever uma matéria como se fosse a própria personagem narrando. Ele acompanhou a protagonista por um dia inteiro, foi à sua casa, observou sua decoração, fotos de família, comeu, conversou, pegou carona. Ele imergiu completamente na rotina e nos pensamentos de Gaetana.

Por fim, outro pilar, desta vez presente com mais destaque na reportagem “Cada virada é um flash”, é a digressão, que são informações complementares ao texto, mas que buscam fugir da personagem ou fato central. Uma volta ao passado é uma forma de digressão, por exemplo, e é justamente esse recurso que o autor utiliza ao trazer elementos do passado de Geisy Arruda, como quando ela foi à universidade vestida com a roupa que criou sua fama, ou quando ela trabalhava em um armazém, antes da fama, ganhando 700 reais, em contraste com os altos valores que recebe nos dias atuais, como subcelebridade.

Considerações finais

Os dois textos aqui analisados se enquadram naquilo que Ormanzeze (2013) denomina de binômio fama e anonimato. O caso de Geysi Arruda é o da celebridade que tem sua imagem estereotipada pela mídia e a construção do seu perfil vai exatamente na direção oposta disso, tentando apresentar o lado mais humano da personagem ao expor seus sonhos, angústias, defeitos e virtudes. Para tanto, o autor traz à tona parte do seu passado antes da fama e sua história de vida, fazendo valer o pilar literário da digressão.

Já o caso de Gaetana é o da personagem desconhecida do grande público, mas icônica em seu círculo. O fator determinante que a justificou ser perfilada foi seu estilo de vida ou hábito inusitado, por ser fissurada pela Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e não perder um concerto sequer. Talvez por não se tratar de uma pessoa famosa, o perfil de Gaetana tenha exigido mais esforço por parte do autor para que este pudesse transmitir fidedignamente sua história e características. Para obter tal resultado, Cruz

fez uso de outro pilar do Jornalismo Literário, a imersão. A forma com que o jornalista adentrou e participou do mundo de Gaetana por um dia tornou possível ainda uma narração criativa, conforme já citado.

Com base na análise dos dois perfis adotados por este artigo, além dos demais presentes no livro “Entretanto, foi assim que aconteceu”, é possível notar a importância dos chamados sete pilares do Jornalismo Literário enquanto suporte para o gênero do perfil. A escolha do(s) pilar(es) que melhor contribui(em) para a transmissão da história de determinado personagem, somada ao emprego de outros recursos advindos da literatura permitem que o autor, utilizando sua criatividade, torne o texto mais atrativo e interessante ao público leitor.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Christian Carvalho. **Entretando foi assim que aconteceu**: quando a notícia é só o começo de uma boa história. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias devida em jornalismo. Tese de doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2002.

ORMANEZE, Fabiano. **O gênero perfil à luz dos valores notícia**: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário. In: VI ENCONTRO PAULISTA DE PROFESSORES DE JORNALISMO. São Paulo: ESPM, 2013

ORMANEZE, Fabiano. **Pistas para decifrar o enigma**: uma análise de Os Sertões a partir do jornalismo literário. Campinas: Letras, 2009.

VILLAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.